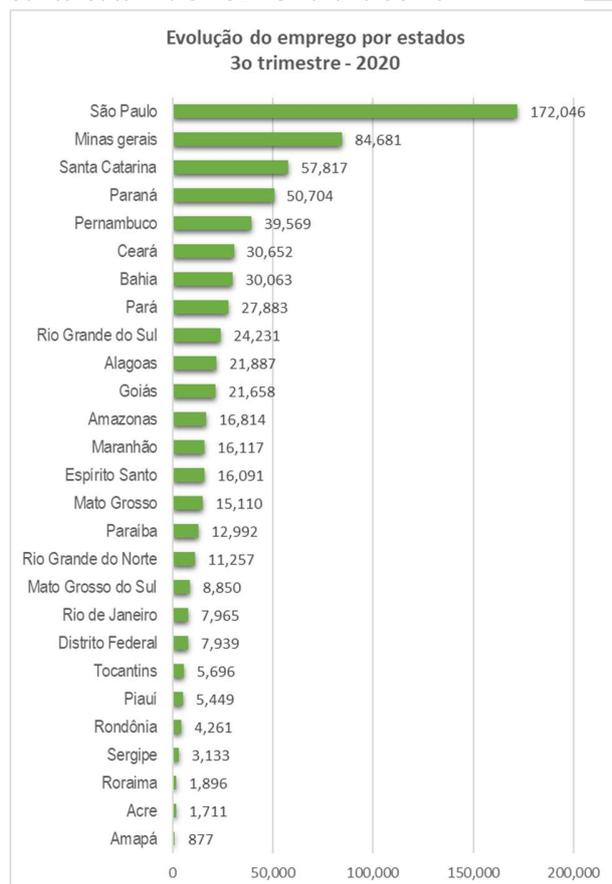
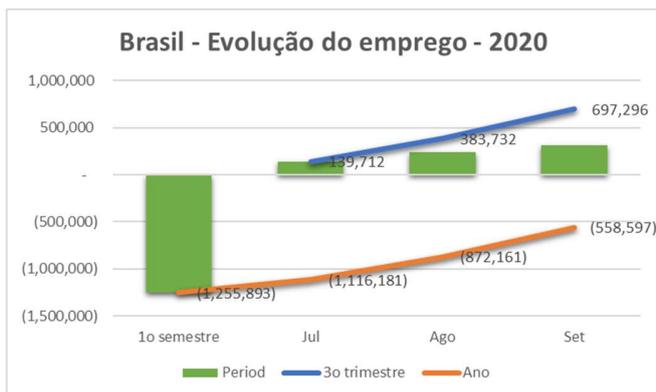


O emprego no Brasil até setembro de 2020¹

O terceiro trimestre acumulou mais de 697 mil novas vagas, evidenciando uma boa recuperação após ter perdido 1,255 milhões no primeiro semestre. Assim, setembro foi o terceiro mês com aumento de empregos no Brasil desde o início da pandemia do Covid-19 em março deste ano. O saldo líquido entre admitidos e demitidos foi positivo em 313.564 novas vagas em setembro (contra 244.020 em agosto e 139.712 em julho – já com os dados atualizados), evidenciando a recuperação da atividade econômica. Estes são os resultados do Caged.

Todos os estados brasileiros tiveram aumento de empregos neste terceiro trimestre. Os maiores aumentos (acima de 50.000) se deram em São Paulo 172.046, Minas Gerais 84.681, e Santa Catarina 57.817 e Paraná 50.704.

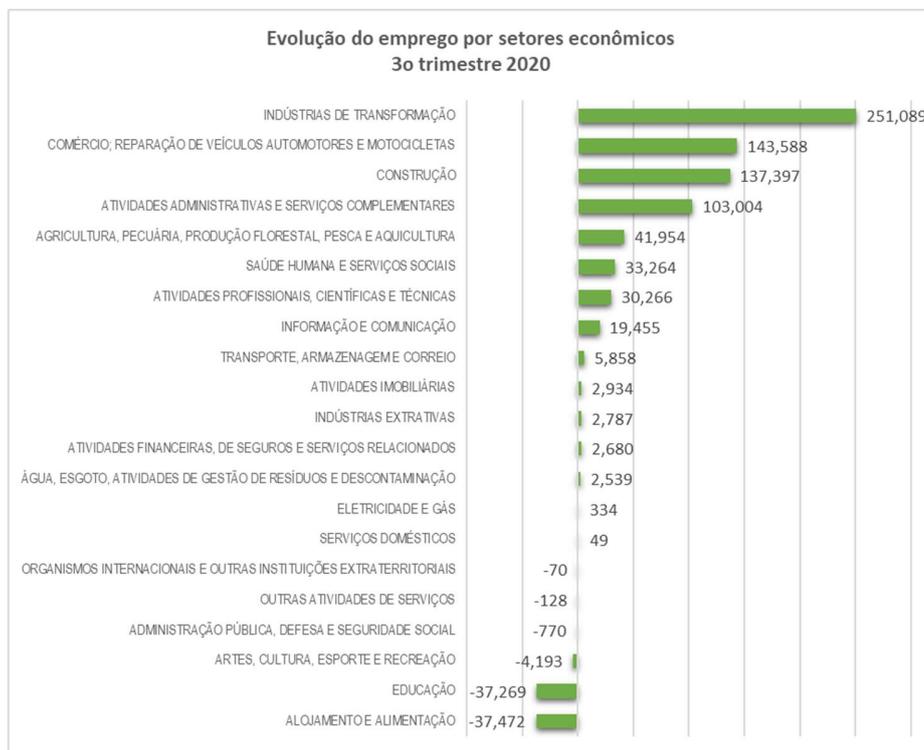


Nas grandes seções da economia, o maior crescimento se registrou na 'indústria de transformação' com 251.089 novas vagas – os maiores aumentos se deram em São Paulo (56.494), Santa Catarina (30.798), Minas Gerais (26.822) e Paraná (20.169); 'comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas' (143.588) – São Paulo (37.078), Minas Gerais (15.225), Paraná (11.028) e Santa Catarina (8.168). 'Construção' (137.397) – São Paulo (24.726), Minas Gerais (24.606), Pará (10.433) e Bahia (8.144), logo na sequência vem o Paraná com 8.011.

O salário médio dos novos contratados, neste terceiro trimestre, é de R\$ 1.657,40. A maior parte das contratações é de pessoas com ensino 'médio completo' com 515.354, assim, o salário médio é primordialmente definido por este grau de instrução

O avanço mais importante se registrou na 'indústria de transformação', com 251.089 novos postos de trabalho. Vinte e seis Estados

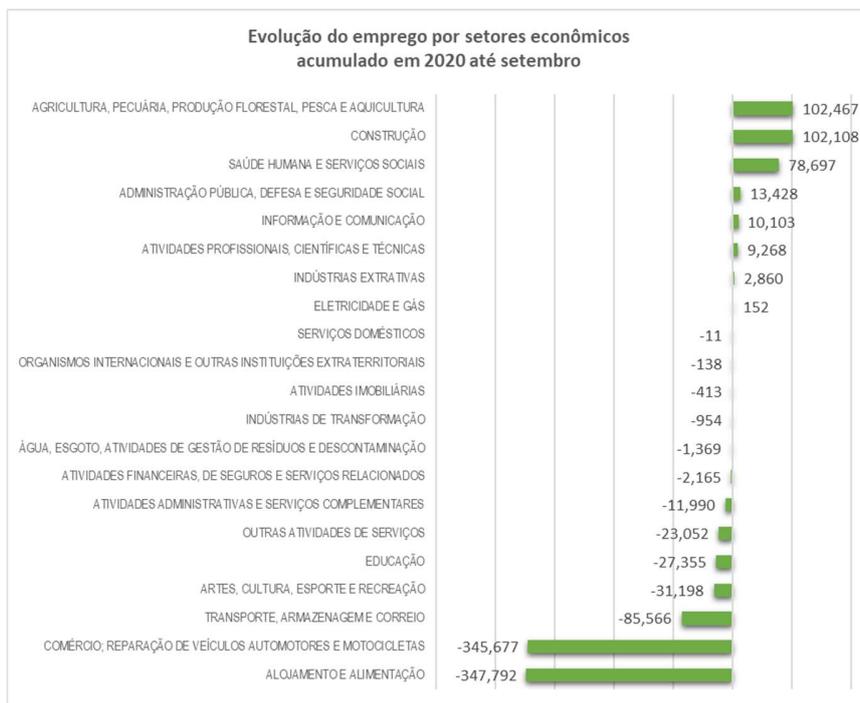
¹ Esta nota faz parte dos principais resultados da conjuntura brasileira capturados a partir de dados primários (microdados) de diversas fontes oficiais. Tem-se dados desagregados para os 5.570 municípios e para 1.332 atividades econômicas.



apresentaram aumentos, isso mostra a amplitude territorial da recuperação industrial. Apenas o Amapá apresentou resultado levemente negativo com queda de 37 vagas. Setorialmente, a recuperação também é abrangente, apenas um dos vinte e quatro setores teve resultado negativo – Fumo com redução de 8.649 vagas. Os outros vinte e três mostram contratações líquidas positivas lideradas por ‘produtos alimentícios’ (62.387), ‘borracha e material plástico (21.886) e ‘produtos de metal’ (20.879). Dentre as subclasses, os maiores acréscimos forma em ‘fabricação de açúcar em bruto’ (29.624), principalmente em Alagoas (14.707) e Pernambuco (12.046); ‘móveis de madeira’ (12.456), principalmente no Paraná (2.874), São Paulo (2.562) e Santa Catarina (2.169); e ‘Couros e artefatos de couro’ (6.985) com destaque para Ceará (2.319) e Bahia (1.783).

Acumulado no ano

Nos nove primeiros meses do ano, o saldo é negativo em 558.597 vagas, sendo que os piores resultados estão em ‘alojamento e alimentação’ (-347.792), no ‘comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas’ (345.677) e ‘transporte, armazenagem e correio’ (85.566). Os setores que mais contrataram neste período foram ‘agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura’ (102.467), ‘construção’ (102.108) e ‘saúde humana e serviços sociais’ (78.697).



Regionalmente, onze estados apresentam resultados positivos: Pará com 22.050 vagas, Mato Grosso (17.474) e Goiás (14.868) são os de maior destaque. Do outro lado, entre os estados com maior perda de vagas de trabalho, estão São Paulo (209.840), Rio de Janeiro (181.850) e Rio Grande do Sul (74.445).

A pandemia está mudando o comportamento humano e as relações de trabalho. O uso de tecnologias acelerou o uso de aplicativos para a realização de compras (a queda do emprego registrada no comércio) deixa bem claro que as vendas não apenas diminuíram, como também, mas que muita destas não se efetuam mais em lojas físicas. Por este motivo, os serviços de entrega rápida apenas apresentaram queda em abril e maio.

A recuperação do emprego está sendo lenta e a velocidade da recuperação dependerá fortemente da renda disponível dos assalariados para aquisição de bens e serviços. Quanto mais rápida forem adotadas medidas para recuperar a renda, mais rápida será a posta em marcha de todas as engrenagens da economia.